

Sacralização do espaço.

O caso do nº 20 da rua da Porta da Vila, Lagos

Catarina Alves* e Margarida Figueiredo**

Resumo:

Os trabalhos que agora são dados à estampa resultam do processo de Minimização de Impactes Arqueológicos levado a cabo no âmbito da “Remodelação do edifício na Rua da Porta da Vila, 20, Lagos”, (RPV’20), cujos serviços de arqueologia e antropologia foram assegurados pela empresa *Palimpsesto, Estudo e Preservação do Património Cultural, Lda*. A escavação permitiu conhecer um conjunto de realidades estruturais e antropológicas (cinco inumações primárias e duas valas de ossário dos séculos XVI a XVIII) associadas ao cemitério da Igreja Matriz de Sta. M^a da Graça localizado no interior da Cerca Nova de Lagos.

Abstract:

The present paper is the result of the archaeology impact reduction process carried out for the remodeling of building number 20 in Rua da Porta da Vila (RPV’20), Lagos, Portugal. The works were performed by *Palimpsesto, Estudo e Preservação do Património Cultural, Lda*. and allowed to uncover a group of archaeological and anthropological realities: 5 primary burials and 2 ditches with ossuaries as well as one stone structure, all of them from the 16th and 17th century and related to the cemetery of the main church of Sta. M^a da Graça, located inside the walls (Cerca Nova) of Lagos.

* UNIARQ – Universidade de Lisboa

** Antropóloga



1. ENQUADRAMENTO DOS TRABALHOS

A natureza e afectação dos trabalhos a realizar (sapatas e valas) por ocasião da execução do projecto de “Remodelação do edifício na Rua da Porta da Vila 20, Lagos” associada ao facto da área se integrar no seio da zona histórica da cidade de Lagos, próxima, nomeadamente, da necrópole relacionada com a antiga Igreja Matriz de Sta. M^a da Graça (Díaz-Guardamino e Mórán 2008) exigia a natural necessidade da prévia execução de sondagens manuais de diagnóstico.

A intervenção consistiu em quatro fases, num total 39,6 m² de área escavada. Uma primeira onde se procedeu à escavação de 10 sondagens, cuja localização coincidia com as sapatas exigidas para a obra em questão e que se deu por finalizada uma vez todos os contextos arqueológicos e antropológicos devidamente registados e escavados, segundo uma metodologia que teve por base as premissas estabelecidas por Barker (1982) e Harris (1991). Terminada a escavação destas sondagens seguiu-se para a fase de acompanhamento que pôs a descoberto novas evidências coevas cronológica e funcionalmente com o que já havia sido identificado impondo uma nova fase de escavação integral. Desta 3^a fase resultou a implantação de três sondagens de avaliação coincidentes com os limites dos vestígios detectados. A presente intervenção de emergência contou ainda com uma 4^a e última fase de trabalhos que consistiu no acompanhamento arqueológico das valas e sapatas de fundação.

2. LOCALIZAÇÃO DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO

O sítio intervencionado localiza-se no número 20 da Rua da Porta da Vila, em pleno centro histórico de Lagos (Figs. 1 e 2), imediatamente a Oeste da necrópole identificada no Largo de Sta. M^a da Graça (Fig.3). Administrativamente



Fig. 1.— Localização de Lagos

pertence ao distrito de Faro, concelho de Lagos, freguesia de Sta. Maria, encontrando-se nas seguintes coordenadas geográficas da CMP 1/25000, n. 602: Longitude N: 8º 40' 18"; Latitude W: 37º 05' 51", a uma altitude média de 27 metros.

Geologicamente caracteriza-se pela presença de argilas margosas em cotas inferiores sendo possível encontrar, na sua fácies continental, níveis marinhos quaternários integrados com depósitos detríticos de cor vermelho alaranjada de areias e calhaus marinhos vermelhos. Referimo-nos, portanto, a superfícies de abrasão marinha formadas durante o Pliocénico (Feio 1983: 23).

3. ENQUADRAMENTO HISTÓRICO-ARQUEOLÓGICO

No âmbito da conquista cristã peninsular, Lagos é fortificada e assiste-se por toda a cidade à edificação de templos relacionados com o culto cristão. A dita Cerca Velha é terminada apenas durante o reino de D. Afonso IV, num momento de prosperidade da vila e incremento das actividades comerciais, tendo sido reorganizada em torno de dois polos urbanos. Ou seja, intramuros o urbanismo ortogonal organiza-se em torno da Igreja de Sta. M^a da Graça e extramuros o arrabalde distribui-se a partir do templo de Nossa Sra. da Conceição.

As fontes escritas conhecidas localizam a fundação da antiga Igreja Matriz de Sta. M^a da Graça na parte mais alta da cidade de Lagos e no interior do perímetro amuralhado medieval, no ano de 1378 (Rocha 1909: 75). Salvo alguns escombros e elementos arquitectónicos descontextualizados interpretados como sendo pertencentes a essa primeira edificação (Díaz-Guardamino e Mórán 2008), até ao momento não há indícios físicos *in situ* da sua presença. No entanto, a existência daquele local como zona sagrada utilizada como cemitério é indiciada pelos resultados das escavações levadas a cabo por ocasião da remodelação do largo de Sta. M^a da Graça. A Este e a Sul da suposta localização do antigo templo

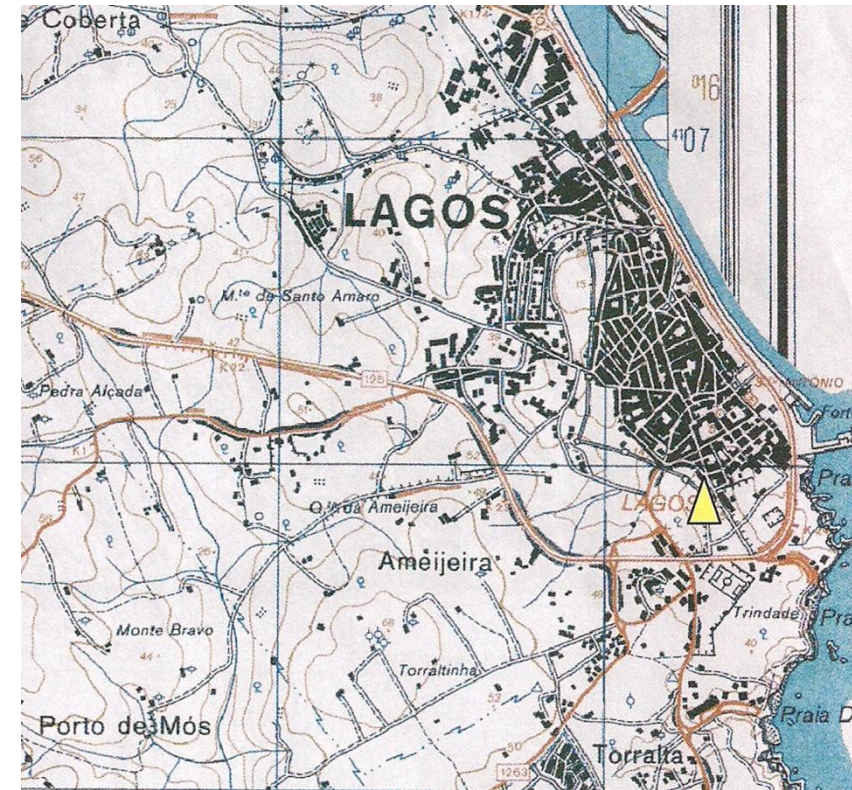


Fig. 2. — Localização do sítio arqueológico na CMP: 1/25000, nº 602



Fig. 3. — Localização da área de escavação: Rua Porta da Vila, 20

foram identificados 56 enterramentos, a maioria em fossas escavadas no geológico, de tipologia oval, antropomórfica e pseudo-rectangular, com uma orientação dominante coincidente com o eixo maior daquele templo (Oeste-Este) (Díaz-Guardamino e Mórán 2008). As autoras identificaram ainda o alicerce

de um muro com dois metros de largura a Sudoeste do que se considerava a estrutura fortificada mais antiga, delimitando um espaço com mais oito das sepulturas, concordantes com a 1ª fase do cemitério.

Estes factos questionam o traçado das defesas medievais conhecido, colocando em evidência o facto de não se poder atribuir uma cronologia medieval à estrutura que deu lugar ao nome da rua (Porta da Vila), sendo esta muito provavelmente de período Moderno. Atestam também a lenta construção da linha de fortificação mais antiga, bem como a sua posterioridade ao uso do Largo enquanto cemitério (Díaz-Guardamino e Mórán 2008). Os resultados da anterior escavação puseram também em evidência o corte impresso pelo alicerce da Cerca Nova, em diversas sepulturas da primeira fase do cemitério.

Outras foram as intervenções que puseram a descoberto vestígios relacionados com este cemitério. Nomeadamente os vestígios da Rua do Adro, a noroeste da Cerca Nova, onde se registaram 21 sepulturas, algumas (doze) com presença de ossários, num total de 34 indivíduos. Com uma orientação Oeste – Este, encontravam-se depositados em fossas de morfologia oval escavadas no substrato geológico, existindo uma maior percentagem de homens sepultados que mulheres, numa proporção de 3 para 1 (Costa *et al.* 2008). Esta intervenção marca, portanto, o limite norte conhecido desta necrópole. De registar ainda, os seis enterramentos da rua de Sta. Mª da Graça, a par da estrutura pétrea positiva que os autores sugerem poder tratar-se de parte da cerca da “... primitiva Igreja de Sta. Mª da Graça.” (Serra e Diogo 2008), bem como um enterramento isolado localizado entre a anterior rua e o largo com o mesmo nome. Este último com com a mesma orientação (Oeste-Este) (*Ibidem*) do eixo maior da Igreja Matriz, elemento regulador da disposição das sepulturas.

Com o início da Era dos Descobrimentos, Lagos assume-se como um dos principais pontos marítimos de apoio militar à defesa de Ceuta. A cidade prosperou, naturalmente, pela sua posição marítima estratégica, com excelentes

condições de fundação e de ligação entre o Mediterrâneo e o Atlântico. Foi aliás, um dos principais portos integrado nas rotas comerciais de larga escala durante, a Antiguidade Clássica. De tal forma que mais tarde, em meados do século XV, D. Henrique nomeou Lagos como o centro do seu empório comercial, atendendo às ligações comerciais que a cidade mantinha com a costa ocidental africana. (Russel 2001). Por estas razões, em finais do século XV, inícios do XVI, com o aumento populacional decorrente deste esplendor económico e político a que Lagos foi sujeita impunha-se o aumento da cerca primitiva. Assim, teve lugar a construção da Cerca Nova, de traçado pentagonal, iniciada no final do reinado de D. Manuel I e concluída no de D. Filipe I, em 1598.

Assiste-se, então, a uma nova organização urbana em torno de duas paróquias principais: a de São Sebastião, extramuros, e que substitui a antiga ermida de Nossa Sra. da Conceição e a de Sta. Maria, no interior amuralhado.

Associado a esta nova fortificação regista-se a 2ª fase de utilização do espaço como cemitério, enquadrável entre os séculos XVI e XIX. Nesta fase os enterramentos seguem tendencialmente uma orientação paralela à fortificação, ou seja, Noroeste–Sudeste, tendo sido descobertas 85 sepulturas, de morfologia maioritariamente indeterminada, escavadas em estratos anteriores de enchimentos de duas lixeiras (cronologicamente integráveis nos séculos XVI-XVII e XVII-XVIII) ou de outras sepulturas (Díaz Guardamino e Mórán 2008).

Por ocasião do terramoto de 1755 a Igreja Matriz intramuros terá sido totalmente destruída. Enquanto o bispo D. Francisco Gomes Avelar promovia a sua reconstrução, por sinal gorada, e da qual se pensa ter identificado os poucos alicerces erguidos (*Ibidem*) o espaço continuou a ser utilizado como cemitério até 1867 (Rocha 1909). As mesmas fontes históricas indicam-nos que durante todo este tempo ficaram a descoberto valas e fendas provocadas pelo cataclismo que, finalmente, terem sido preenchidas pelos escombros e restos osteológicos a mando dos serviços camarários, em 1893 (*Ibidem*), numa intervenção de limpeza e higienização do espaço.

4. O CASO DO Nº20 DA PORTA DA VILA

4.1. Evidências arqueológicas e Antropologia funerária

Inumações primárias

Em seguida enumeraremos algumas das sequências estratigráficas mais relevantes da presente intervenção relacionadas com o tema a que nos propuemos abordar.

Na sondagem 1, cortado pela vala de fundação [109] do muro contemporâneo [108=809] registou-se uma inumação primária designada por [107]. O esqueleto encontrava-se quase completo, com excepção dos membros inferiores, em decúbito dorsal numa orientação SO (crânio) – NE (pés) (Fig. 4). A vala de enterramento [110] descrevia uma morfologia antropomórfica aberta no substrato geológico, um areão de coloração avermelhada, algo solto e de grão grosseiro, não tendo sido detectado em sua associação nenhum elemento estrutural. Importa salientar, a dificuldade de identificação dos contornos da vala de inumação dado que o enchimento da mesma era muito semelhante ao próprio substrato, notando-se apenas um pouco mais solto e com mais raízes [106]. Neste sentido, cremos que o mesmo sedimento extraído aquando da abertura do covacho foi reutilizado após e sobre a colocação do corpo, colmatando-o por completo.

Não foram detectados materiais arqueológicos em associação com a inumação, pelo que, como explanaremos adiante, a caracterização e inserção cronológica deste enterramento terá que se suportar de outros parâmetros de análise, nomeadamente da sua orientação e correlação com os demais dados antropológicos e arqueológicos conhecidos para os restantes vestígios relacionados com este espaço de necrópole.

Um outro registo, na sondagem 8, correspondia a uma inumação primária da qual não se conservaram pés, tíbias, perónios e parte dos fémures (Fig. 5). Esta



Fig. 4.— Inumação primária [107]

ausência era consequência directa do corte [809]=[108], decorrente da colocação da parede Oeste, já mencionada. Esta interface truncava todos os estratos associados a este enterramento [807], nomeadamente: a vala de sepultura [808], o esqueleto, o depósito de colmatação da sepultura [806] e o coberto vegetal [801]. O indivíduo encontrava-se depositado em decúbito dorsal, com uma orientação SO-NE, no interior de um covacho de contornos antropomórficos, escavado no substrato geológico de tonalidade alaranjada, argiloso e muito rígido. Este ritual de inumação (tipo de vala, ausência de espólio funerário, deposição e orientação) é em tudo semelhante ao já descrito e identificado na sondagem 1. Neste caso, em particular, a presença de raízes de uma antiga amendoeira danificou em grande parte os fragmentos ósseos ainda *in situ*.

Por fim, e no decorrer da primeira fase de acompanhamento, a demolição da parede [108] por via mecânica colocou a descoberto vestígios osteológicos que haviam sido cortados por [109] = [809] – sondagem 13.

Iniciando a escavação pela ordem inversa à deposição das camadas, removeu-se primeiramente o estrato vegetal, seguido de um sedimento avermelhado, muito arenoso e granuloso, ainda que algo compacto, o qual cremos tratar-se de mais um caso de substrato geológico reutilizado como estrato de aterro. Isto porque, para além de colmatar o enchimento de uma interface indiferenciada [1315] cobria integralmente toda a área da sondagem 13, que viria a revelar mais do que um enterramento.

O indivíduo [1304] encontrava-se orientado de SO a NE, em decúbito dorsal (Fig. 6), conservando apenas os membros inferiores depositados paralelamente no interior de uma vala de morfologia rectangular, [1305]. Esta interface, à semelhança das demais, cortava o substrato geológico. A ausência da zona da bacia, tronco e crânio era fruto de uma outra vala [1315] de funcionalidade desconhecida que rompeu perpendicularmente com o contexto funerário.



Fig. 5.— Inumação primária [807]



Fig. 6.— Inumação primária [1304]



Fig. 7.— Inumação primária [1313]

O segundo [1308] dos enterramentos identificados no corte deixado a descoberto pela demolição da estrutura [108] encontrava-se em muito mau estado de conservação, restando somente fragmentos do coxal e fémur direitos. De qualquer forma conservou-se o suficiente para afirmar que partilhava a mesma orientação e tipo de deposição dos demais, tal como, presumivelmente, o restante ritual funerário.

No interior de uma sepultura rectangular registámos o terceiro enterramento, [1313], com a mesma orientação e deposição (Fig. 7). Esta inumação primária destacou-se das demais por apresentar na zona do pulso esquerdo um conjunto de 15 contas: A maioria em pasta vítrea, de colorações pretas e castanhas (Fig. 8), algumas com arestas vincadas e perfeitas que lhe conferem uma forma hexagonal, outras mais simples e todas de diferentes dimensões. Junto ao úmero esquerdo recolheu-se um alfinete e na zona do crânio uma argola (Fig. 9), ambos em liga de cobre, para além de uma peça de jogo com perfil completo em cerâmica vidrada. Foi o único indivíduo por nós identificado com espólio funerário associado.

Inumações secundárias

Para além dos contextos primários de inumação surgiram ainda dois casos de conjuntos osteológicos, já sem conexões anatómicas, correspondentes a dois momentos diferenciados de despejo(s) e reordenamento do espaço funerário: os Ossários 1 e 2.

No interior de uma interface negativa [1020], escavada no substrato rochoso (composto por argilas alaranjadas), de plano circular regular e perfil em U, exumaram-se os restos osteológicos dispersos e fragmentados de quatro indivíduos (Número Mínimo de Indivíduos), formando o Ossário 1. Da contagem e medição dos ossos diagnosticaram-se dois adultos de ambos os sexos e dois infantis, com idades compreendidas entre os sete e os nove anos de idade à



Figs. 8 e 9.— Espólio funerário associado à inumação primária [1313]

morte. Neste conjunto encontravam-se representados todos os ossos do esqueleto humano, com excepção das vértebras. Com uma predominância evidente dos ossos longos, em relativamente bom estado de conservação, e dois fragmentos de crânio. Os restos osteológicos aqui depositados não pareciam assumir nenhum padrão de organização específico, mas terão sido alvo de uma “selecção natural”, como demonstra a prevalência dos ossos maiores.

Embalados pelo sedimento do ossário foram identificados três bordos e duas asas de cerâmica comum (moderno/contemporânea); dois fragmentos de pratos em faiança, um bordo de uma jarra em cerâmica vidrada a castanho pelo interior e um fragmento de azulejo de difícil classificação.

A intenção antrópica de abertura desta vala parece-nos evidente. Não cremos tratar-se de uma fenda aberta aquando do terramoto de 1755, como há memória. Os seus contornos são prova disso mesmo: regulares e uniformes. O processo de enchimento revela também algum cuidado, nomeadamente na intencionalidade da colocação de blocos calcários de médio porte no fundo e principalmente junto às paredes da estrutura. Sobrepostos por uma série de enchimentos algo arenosos, sobre os quais se colocou o Ossário 1 e os restantes enchimentos de cariz argiloso e rígido, como selamento definitivo daquele espaço. Não equacionamos a hipótese de se tratar de uma fenda natural, como já referido, mas poderá enquadrar-se no âmbito dos trabalhos de limpeza e higienização do pós 1755.

Mais uma vez, após o desmonte de [108] registaram-se, em fase de acompanhamento, vestígios arqueológicos e osteológicos sob esta estrutura contemporânea. Identificou-se, deste modo, um grande bloco composto por pedra variada e argamassa muito compactada, aparentemente resultante de um despejo indiferenciado, mas que se encontrava directamente sobre o ossário 2 (Fig. 10). Este despejo foi feito ainda com a argamassa fresca na medida em que inúmeros fragmentos ósseos, nomeadamente crânios, se encontravam incrustados no dito bloco. Uma vez limpa a área registou-se um aterro [1100] que continha frequen-



Fig. 10. — Aspecto geral do ossário 2 [1102]

tes peças ósseas muito fragmentadas e dispersas. A sua remoção viria a revelar uma estrutura vertical pétreia [1127] (Fig. 11), de orientação S–N, à qual, pelo seu lado Nordeste, se apoiavam os diferentes depósitos relacionados com o dito ossário, designado como [1102]. Este dispersava-se ao longo de toda a estrutura, descrevendo uma forma rectangular que preenchia uma vala [1114] cujo limite Oeste estava marcado pelo muro. Houve algum cuidado na organização dos ossos depositados registando-se uma especial concentração de crânios na extremidade noroeste da vala; ao centro notava-se uma maior aglomeração de ossos longos e na extremidade Sudeste, essencialmente, os pequenos fragmentos, muitos inclassificáveis.

Os sedimentos que se seguiam ao ossário consistiam em três depósitos sedimentares de tonalidades castanhas, algo arenosos e pouco compactos, com grande potência estratigráfica, que embalavam frequentes fragmentos ósseos, sem que se possam comparar com a concentração e densidade de peças detectadas no designado ossário 2. Do espólio datante recolhido de entre estes depósitos, importa salientar, de [1116] um alfinete em liga de cobre e um fragmento de prato em porcelana datável da Dinastia Ming (1522-1566), bem como dois fragmentos de azulejo datáveis do século XVI (hispano-mourisco ou de influência múdejar) e do século XVI-XVII da [1117].

Tal como os sedimentos que enchem o interface [1114] também os que preenchem a 1ª vala de ossário [1128] se apoiam ao muro [1127]. Estes últimos, a saber [1120] a [1124], não revelaram grandes dificuldades entre si na interpretação estratigráfica, sendo, portanto, enchimentos sequenciais e continuando a revelar bastantes fragmentos ósseos dispersos em extensão e profundidade por todas as camadas.

Foi possível a intervenção em duas unidades estratigráficas prévias à construção da estrutura [1127] com escasso número de registos osteológicos associados: depósitos [1125] e [1126]. Esta último não foi totalmente escavado na medida em que as condições de segurança o impediram.



Fig. 11.— Alçado da estrutura [1127]

Assim, e no que respeita à sequência estratigráfica apresentada, resta mencionar que o depósito [1104] que cobria toda a área N-NE da vala [1028], composto por barros vermelhos, rígidos e muito argilosos, pelas suas características isolantes, parecia corresponder a um estrato colocado com objectivos higienizantes de todo aquele espaço sagrado.

Relativamente à construção do muro cremos que esteve implícito um propósito relacionado com este espaço funerário, não sendo anterior nem alheio à ideia de deposição das inumações secundárias. A construção desta estrutura, com grandes blocos intervalados por pedra mais miúda e lisa e por margas amareladas, com mais de um metro de potência e cerca de três de comprimento, implicou um sério investimento. A sua localização isolada, no limite interior oeste de uma grande interface negativa, [1128], aberta no substrato geológico encostado ao seu limite oeste, leva-nos a descartar a ideia de um qualquer reaproveitamento arquitectónico. Pelo contrário, estamos em crer que tanto a estrutura [1127], como a respectiva vala fazem parte de uma projecção arquitectónica relacionada exclusivamente com o propósito daquele espaço, pensado e utilizado em âmbito fúnebre.

Por último, importa referir que no aparelho de [1127], e após o seu desmonte constatou-se a reutilização de pedras afeiçoadas, muito possivelmente originárias da antiga Igreja. Foi inclusive recolhida uma estela discóide gravada em ambos os lados. Esta cabeceira estava esculpida num calcário, com inúmeros elementos fossilizados e encontrava-se muito corroída pelo tempo, de tal forma que a cruz que se identifica numa das faces não se pode caracterizar com muita precisão. As pontas da cruz estão muito mal preservadas pelo que pode tratar-se de uma cruz em relevo latina, com pontas em bisel, ou grega. Na face oposta lê-se um “M” alusivo a Nossa Senhora: Maria ou poderá, por outro lado, referir-se à inicial do nome da família pertencente ao ente querido. As hipóteses são muitas...

5. ANÁLISE ANTROPOLÓGICA

Na forma de deposição destes indivíduos não houve diferenciação alguma entre adultos e não-adultos (infantis): todos eles foram depositados em decúbito dorsal, com membros inferiores estendidos e paralelos entre si. A distinção ocorria apenas nos membros superiores, ora estendidos sobre o tronco, ou sobre a bacia, ora com as mãos junto ao crânio.

A análise paleodemográfica revelou três indivíduos adultos e dois infantis. O diagnóstico sexual, viável apenas na análise dos indivíduos adultos, permitiu a identificação feminina de dois dos enterramentos [107] e [807], e masculina do enterramento [1304]. Nos infantis foi conseguida uma idade à morte de aproximadamente dez anos para o [1313], e um intervalo mais amplo entre os seis e os 19 anos de idade para o indivíduo [1308].

No campo paleopatológico, as observações macroscópicas aos vestígios osteológicos recuperados revelaram apenas algumas lesões degenerativas – articulares e não articulares – nas pernas, joelhos, ombros e braços no indivíduo [107]. O mesmo indivíduo apresentava algum desgaste, uma perda ante mortem e uma cárie nos dentes observados. Este padrão de desgaste moderado foi também observado no indivíduo feminino [807].

Da observação dos dados paleodemográficos podemos constatar no Ossário 1 uma maior representação dos adultos (de 70%) em relação aos sub-adultos/ infantis, os quais assumem uma percentagem idêntica à dos indeterminados (de 15%). Observamos ainda um número exageradamente elevado (92%) de indeterminados no que diz respeito à diagnose sexual, sendo os valores muito semelhantes entre ambos os sexos, pouco relevantes na consideração final desta análise. No Ossário 2, fruto das epífises fragmentadas e das calotes partidas, o número de indeterminados é muito elevado, com percentagens superiores aos



Fig. 12.— Percentagens da idade à morte presentes no ossário 1 [1013] e ossário 2 [1102]

75%, com 20 indivíduos adultos, um infantil e um recém-nado contabilizados. Na diagnose sexual conseguiu-se uma classificação de 13% da amostra, com valores muito semelhantes entre ambos os sexos: masculino com 8% e feminino com 5% (Figs. 12 e 13).

Nas patologias há um claro predomínio das patologias infecciosas, com nove casos registados, sempre em ossos longos. Casos típicos de inflamação, caracteristicamente estriados, com deposição esponjosa característica da pressão dos vasos sanguíneos, contraposta ao tecido ósseo destruído, assumindo aqui um padrão uniforme de afectação: nas tíbias as estrias seguem ao longo da diáfise e são especialmente incidentes na parte antero-mesial. Nos fémures, os sinais de inflamação predominam na parte posterior, seguindo a linha áspera; nos úmeros surgem junto das epífises e da tuberosidade deltóide. Em todos temos um exacerbar das inflamações nas zonas de inserção dos músculos.

Registou-se ainda um caso de fractura mal consolidada, com a anquilose de uma tibia e um perónio. A reparação desta fractura, com a criação de tecido ósseo a unir estes dois ossos, indica-nos duas coisas: a primeira é que a fractura é anterior à morte deste indivíduo; a segunda é que apesar de consolidada, as suas alterações morfológicas terão tido repercussões na cinética funcional do movimento de locomoção, com consequências directas no desenvolvimento de artroses/entesopatias.

Das afectações degenerativas observaram-se apenas duas entesopatias de grau moderado em dois ossos longos do braço. Também a osteoporose, ou que parece ser um sinal de extrema leveza óssea e perda de osso trabecular, surge representada em apenas uma tibia de adulto. As patologias orais são mais comuns: em quase todos os dentes observados em contexto de ossário, registaram-se níveis de desgaste, cáries ou perdas ante-mortem, nada de muito exuberante.

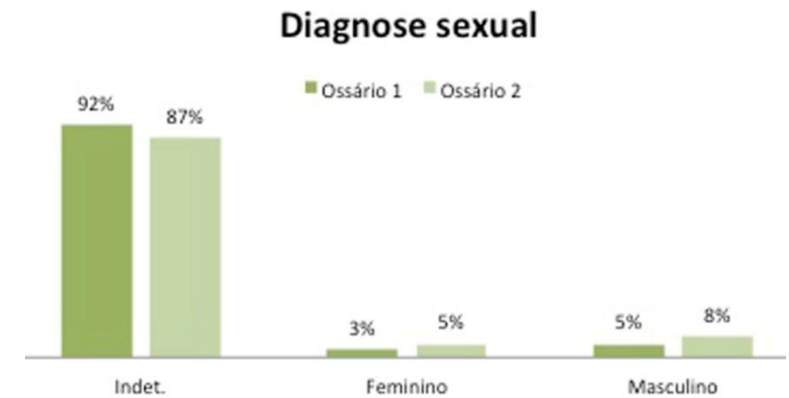


Fig. 13.— Percentagens da diagnose sexual presentes no ossário 1 [1013] e ossário 2 [1102]

6. CONCLUINDO...

Os trabalhos desenvolvidos permitiram a escavação e subsequente exumação de cinco inumações primárias e duas inumações secundárias, juntamente com a remoção de um número elevado de restos osteológicos dispersos pelos depósitos removidos. A posterior e contínua ocupação deste local, já não como necrópole mas como espaço habitacional, limitou de alguma forma os registos obtidos a nível funerário, paleodemográfico, morfo-métrico e paleopatológico. Não obstante, foram extraídas algumas informações pertinentes dos ossos exumados.

A observação *in situ* permitiu constatar que os enterramentos primários foram efectuados em covachos antropomórficos escavados no substrato geológico e/ou sedimentos precedentes, igualmente estéreis. Todos os indivíduos obedeciam à orientação SO (cabeça) – NE (pés). Uma orientação ligeiramente desviada da canonicamente estabelecida pelas doutrinas da fé cristã (Oeste-Este), onde o cristão deveria ser enterrado virado para o nascer do sol, para a terra da luz, de costas voltadas para a região das trevas. Esta alteração prender-se-á com motivos bem mais terrenos, como a construção da Cerca Nova (séculos XVI-XVII) e a consequente desactivação da cerca medieval. Desta forma e até ao século XIX este novo elemento arquitectónico, com uma orientação SO – NE, passa a constituir a principal referência no ordenamento espacial desta área da cidade (Guardamino e Morán 2008).

A orientação das sepulturas constituiu por si só um factor de extrema importância na interpretação do espaço funerário circundante da Igreja Matriz de Sta. Maria da Graça, apontando-nos para cronologias já de Época Moderna, entre os séculos XVI e XVII. Aproximação cronológica consentânea com os dados obtidos no faseamento na intervenção arqueológica no Largo de Sta. Maria da Graça (*Ibidem*).

A falta de espólio associada a estas inumações primárias é já uma característica comum aos estudos antecedentes do mesmo espaço funerário (Guardamino e Morán 2008). Ao contrário das anteriores intervenções (*Ibidem*; Costa *et al.* 2006; Machado 2006), não foram detectadas moedas – costume pagão que se prende com a “portagem” da travessia do rio *Styx* – nem pregos – associados a caixões.

Quanto à questão da visibilidade e diferenciação das sepulturas, através de utilização de cabeceiras, muito embora não se tenham detectado vestígios *in situ* destas, nem de possíveis negativos da sua presença, não podemos ser categóricos na negação da sua utilização.

Convém salientar que tanto os enterramentos detectados na sondagem 13 como o detectado na 1, a Norte, e o registado na 8, a Sul, foram depositados segundo a mesma orientação, todos em decúbito dorsal e mais ou menos alinhados. Esta situação pode permitir algumas considerações do ponto de vista da organização da necrópole, ainda que não tenhamos, porque destruída, a sua continuação /limite, dentro do número 20 da Porta da Vila, em direcção a Este.

Apesar do estado de fragmentação ser elevado e comum a ambos os ossários, conseguiu-se uma individualização e identificação positivas de mais de 80%. Outro fenómeno comum aos dois ossários prende-se com a prevalência evidente dos ossos longos em detrimento dos ossos chatos. Esta diferenciação é uma consequência lógica da fragilidade e do processo de selecção dos ossos na sua recolocação. Registaram-se, ainda, dois aspectos divergentes entre ossários: se no [1102], há uma quase equiparação entre a sobre representatividade dos ossos longos e das calotes cranianas – completas e incompletas – no Ossário [1013] há um maior leque de ossos presentes representados. Estes dois factores são decisivos na diferenciação dos ossários, indiciando uma selecção deliberada nos ossos presentes em [1102], e uma ausência da mesma selecção no ossário [1013].

Este facto, constatado no ossário 2 resulta da clara intenção em remodelar o espaço funerário. Temos aqui uma abertura de vala bem definida, [1114], a construção de uma estrutura de apoio – muro [1127] e a consequente recolocação dos restos osteológicos, de forma minimamente organizada e concentrada. Esta deposição secundária enquadra-se perfeitamente num dos sucessivos momentos das remodelações da Igreja Matriz e do cemitério adjacente. Os azulejos e as faianças aqui encontrados apontam para um intervalo de tempo entre os séculos XVI e XVII.

BIBLIOGRAFIA

- BARKER, P. (1982): *Techniques of Archaeological Excavation* (2ª ed.). Londres.
- COSTA, C., FERNANDES T., ALMEIDA P. e SERRA, M. (2008): “Desenterrando o passado: paleobiologia dos indivíduos exumados na Rua do Adro e Santa. Maria em Lagos”. *Actas do 5º Encontro de Arqueologia do Algarve. Xelb 8*, vol. I. Silves: 325-332.
- COSTA, C., SANTOS, S., FERRO, S., ALMEIDA, P. e FERNANDES, T. (2006): “Estudo Antropológico de uma população Inumada no Cemitério da Igreja de Sta. Mª da Graça (Centro Histórico de Lagos)”. *Actas do 3º Encontro de Arqueologia no Algarve. Xelb 6*. Silves: 235-250.
- CRUBÉZY, E. (1988): *Interactions entre facteurs bio-cultureles, pathologie et caractères discrets. Exemple d’une population medieval: Canac (Aveyron)*, (Tese de doutorado inédita. Université de Montpellier). Montpellier.
- DIAZ-GUARDAMINO, M. e MÓRAN, E. (2008): *Entre Muralhas e Templos – A intervenção arqueológica no Largo de Sta. Mª da Graça, Lagos (2004 – 2005)*. Lacobriga 1. Lagos.
- FEIO, M. (1983): *Le Bas Alentejo et l’Algarve* (2ª ed.). Évora.
- FEREMBACH, D., SCHWIDETZKY, I. e STOUKAL, M. (1980): “Recommendations for age and sex diagnosis of skeletons”. *Journal of Human Evolution* 9: 517-549.
- HARRIS, E.C. (1991): *Principios de Estratigrafia Arqueológica*. Barcelona.
- MACHADO, A. (2006): “Um Enterramento com Bolsa Monetária da Necrópole de Sta. Mª (Lagos). Estudo de um caso de conservação”. *Actas do 3º Encontro de Arqueologia no Algarve. Xelb 6*, vol. 2. Silves: 251-256.
- MACLAUGHLIN, S.M. (1990): “Epiphyseal fusion at the sternal end of the clavicle in a modern Portuguese skeletal sample”. *Antropologia Portuguesa* 8 : 59-68.
- MENDONÇA, M.C. (2000): *Contribución para la identificación humana a partir del estudio de las estructuras óseas: determinación de la talla a través de la longitud de los huesos largos*. Madrid.

- MOREIRA, J.B. (1984): "Typologie des stèles discoïdales du Portugal". *Hil Harriak. Actes du colloque international sur la stèle discoïdale*. Bayona: 319-345.
- MOREIRA, J.B. e ENCARNAÇÃO, J. de (2006): "Cabeceiras de sepultura portuguesas epigrafadas". *Actas do VIII Congresso Internacional de Estelas Funerárias. O Arqueólogo Português Suplemento 3*. Lisboa: 543-569.
- ROCHA, M.J.P. (1909): *Monografia de Lagos. Faro: Algarve em Foco* (reedição de 1991). Faro.
- RUSSEL, P. (2001): *Prince Henry 'the Navigator': A Life*. New Haven-Londres.
- SANTOS, A.L. (1995): *Certezas e incertezas sobre a idade à morte. Provas de aptidão pedagógica e capacidade científica*. Coimbra.
- SCHEUER, L. e BLACK, S. (2001): *Developmental Juvenile Osteology*. Londres.
- SERRA, M. e DIOGO, M. (2008): "Polis de Lagos – Resultados Preliminares". *Actas do 5º Encontro de Arqueologia do Algarve. Xelb 8*, vol. I. Silves: 215-222.
- SILVA, A. M. (1995): "Sex assessment using the calcaneus and talus". *Antropologia Portuguesa* 13: 107- 120.
- UBELAKER, D. (1989): *Human Skeletal Remains: excavation, analysis, interpretation* (2ª ed). Washington.
- WASTERLAIN, S.N. (2000): *Morphé: análise das proporções entre membros, dimorfismo sexual e estatura de uma amostra da colecção de esqueletos identificados do Museu de Antropologia da Universidade de Coimbra* (Dissertação de Mestrado inédita. Universidade de Coimbra). Coimbra.